

A arte em tempos de pandemia

Micaela Cosas - 02/05/2020

Com eventos cancelados, shows e festivais adiados, museus e teatros fechados, a sociedade tem mais um desafio frente à pandemia: descobrir como produzir e contemplar arte em isolamento.

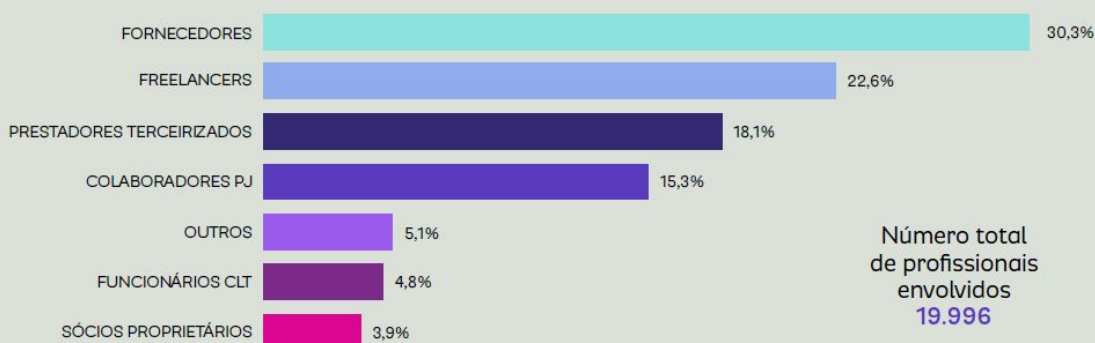
Com o disco *Ghosteen*, lançado em outubro de 2019, Nick Cave, da banda Nick Cave & The Bad Seeds teve sua turnê europeia adiada para 2021, o cantor também teria uma turnê norte americana em setembro deste ano, com a convidada especial Weyes Blood e agora o evento está com destino incerto. No site Red Hand Files, Nick Cave respondeu a seus fãs sobre sua perspectiva, como artista, sobre esse período de isolamento:

“Para mim, este não é um momento para ficar enterrado em processos da criação. É um momento de recuar e usar essa oportunidade para refletir exatamente qual é a nossa função - o que nós, como artistas, servimos.”

Mais do que ver seus planos mudarem, os artistas estão lidando com a dificuldade financeira, teatros e museus fechados, exposições de arte canceladas e na era do *streaming*, músicos perderam sua principal fonte de renda: os shows. A Sim São Paulo, uma das maiores feiras de negócios da música, a partir do DATA SIM, levantou uma pesquisa por meio de um questionário, durante os dias 17 e 23 de março, para mensurar o quanto o ramo da música será prejudicado. Baseado na resposta de mais de 500 empresas em 21 estados brasileiros, o resultado foi de 8.141 eventos e 8.060.693 de público diretamente afetados e um prejuízo estimado em quase meio milhão de reais (R\$ 483.214.006,00). Também foi levantado que mais da metade das empresas são MEI (52,3%) e São Paulo é o estado com maior percentual de operação, representando 45,5%.

PROFISSIONAIS ENVOLVIDOS NA OPERAÇÃO DESSAS EMPRESAS

Base: 536 (respostas múltiplas)



Pesquisa DATASIM: Impacto no mercado da música do Brasil. 2020

Em entrevista concedida à Folha de São Paulo, João Luiz de Figueiredo, coordenador do núcleo de Economia Criativa da ESPM, estima que o impacto na cultura será de mais de 100 bilhões. Segundo uma pesquisa da Associação Brasileira dos Promotores de Eventos (ABRAPE), 51,9% dos eventos programados para 2020 estão cancelados, adiados ou sem definição.

Enquanto esse ramo passa por esse período de turbulência, os artistas tentam encontrar alternativas que possam tanto lhes auxiliar como oferecer entretenimento para o público consumidor. Diversas companhias de teatro estão disponibilizando materiais em seus sites, o acesso vai desde espetáculos na íntegra a entrevistas. Museus em São Paulo têm feito exposições virtuais e músicos começaram a fazer o uso de lives, em plataformas como YouTube e Instagram.

O impacto na vida dos artistas

Natalia Gonsales

A atriz e bailarina Natalia Gonsales estava em cartaz com o espetáculo Fóssil, a peça aborda as histórias de mulheres curdas torturadas na Síria, junto a memórias de mulheres brasileiras no tempo da ditadura militar de 1964. Em janeiro, a peça estava em cartaz no Sesc Pompeia e seguia a temporada no teatro Aliança Francesa, mas o espetáculo precisou ser adiado por conta da pandemia do novo coronavírus. Em entrevista concedida, Natalia Gonsales relata como esse período de pandemia afetou sua vida profissional.

Como sua rotina de trabalho mudou frente a esse cenário de isolamento social?

Fóssil era o meu projeto atual e agora luto para mantê-lo vivo. Tenho feito editais públicos e privados para a continuidade do projeto, criando atividades, como lives de entrevistas, debates e possíveis apresentações filmadas para o segundo semestre, caso não seja possível retomar a temporada. Diariamente, me informo sobre os acontecimentos do Curdistão e a guerra que assola a região para amadurecer o projeto, leio livros, faço aulas online de canto, de espanhol e não deixo de exercitar o meu corpo com yoga e dança que pratico diariamente em minha casa. Tenho também ajudado pessoas em condições precárias através de doações de roupas, alimentos, produtos de higiene e máscaras.

Qual seria a função social de um artista diante desse quadro de distanciamento social? Existe alguma mudança referente a função que o artista carregava antes da pandemia?

O artista sempre teve a função de questionar, transgredir, refletir as ordens impostas, relações de poder, a desigualdade social, a política...Me sinto sempre buscando por algo ou pela verdade, mas concluo que não há "a verdade" ou apenas "um caminho". Por isso, uma obra de arte não apresenta "uma mensagem", ela nos

oferece possibilidades de reflexão, pois somos únicos com histórias e pensamentos diferentes. Respeitar o indivíduo, conseqüentemente, dará à sociedade ferramentas para conviver e não disputar. A minha sensação é que a classe artística foi uma das primeiras a respeitar a quarentena, a motivar as pessoas a não saírem de casa, valorizar a vida, a humanidade e a respeitar o outro. Toda semana realizo algum vídeo de campanha a pedido dos colegas, converso com pessoas que estão próximas, vizinhos de muro, familiares e amigos, conscientizando do quanto estamos vivendo algo sério e mundial. Ou seja, nossa função é a mesma, estamos apenas usando outras ferramentas para a comunicação. Só sairemos dessa com a contribuição de todas e todos.



Natalia Gonsales na peça Fóssil. Da esquerda para a direita: Natalia Gonsales e Nelson Baskerville. Foto: Ronaldo Gutierrez

Túlio Albuquerque

Túlio Albuquerque é músico e integrante da banda Kalouv, banda pernambucana de post-rock instrumental, o grupo está em atividade desde 2010 e conta com 2 álbuns de estúdio e 2 EPs na bagagem. Túlio me concedeu uma entrevista onde discutimos os novos rumos frente a essa realidade de isolamento social.

Qual sua opinião sobre o uso das lives como alternativa dos shows presenciais?

A resposta do setor cultural com as lives foi muito importante. Na primeira semana da quarentena já tivemos convite do Festival Fico Em Casa para um show online, acho que iniciativas como essas são importantíssimas para que a chama continue acesa. Não tenho dúvidas que as lives vieram para ficar como nova forma de consumir conteúdo e será muito importante pensar em maneiras de viabilizar financeiramente a produção e veiculação desse tipo de conteúdo. Por enquanto, só artistas de grande porte conseguiram patrocínios para fazer essas apresentações.



Túlio Albuquerque gravando em sua casa em tempos de isolamento social. Foto: Arquivo pessoal.

Qual seria a melhor forma de ajudar a sua banda financeiramente a passar por esse momento de quarentena?

Eu sinceramente não tenho uma resposta. É uma realidade que está batendo à porta e a ficha caindo aos poucos. Mas acho que uma das formas práticas é o redirecionamento dos editais públicos e privados para iniciativas online e caseiras. É um caminho que já estou vendo acontecer, mas que tem que se multiplicar. Para o nosso público, pensamos na venda de *vouchers* para shows no futuro e produtos na nossa loja online.

Odradek

Odradek foi uma das bandas escaladas esse ano para tocar em um dos festivais mais aclamados do Reino Unido, o ArcTanGent Festival. Esse ano o line-up conta com Opeth, Chelsea Wolfe e Swans. Agendado para agosto, ainda não há informações do festival sobre cancelamento ou adiamento até a publicação dessa matéria.

Como a rotina de vocês mudaram frente a esse cenário de isolamento social?

Eu (Fabiano) e o Caio moramos em São Paulo, por enquanto voltamos para Piracicaba, nossa cidade. Assim que começou a quarentena, o Franco se mudou sozinho para o estúdio. A quarentena mexeu muito com a nossa cabeça, principalmente no início, mas estamos tentando ser produtivos.

A plataforma de música bandcamp tem promovido ajuda financeira aos artistas, retirando a comissão e passando o valor integral para o artista. Gostaria que comentassem sobre essa iniciativa.

É uma atitude de grande importância para nós. O Bandcamp sempre foi mais eficiente em priorizar os artistas do que as plataformas de streaming. Temos visto convites de marcas grandes como bancos que estão oferecendo valores muito abaixo do comum para usar artistas independentes em suas propagandas nesse

momento atípico. Toda ajuda é bem vinda, mas dá para ter mais consciência, iniciativas como a do Bandcamp merecem reconhecimento.



Banda Odradek. Da esquerda para a direita: Fabiano Benetton, Caio Gaeta e Franco Torrezan. Foto: Rodrigo Giansi